

VESPAS AMERICANAS – 1



Estas vespas nem são áticas, como as de Aristófanes, nem gaulesas, como as de Alphonse Karr. Tenho consciência de que elas mordem com menos graça, e não sabem tirar sangue, fazendo rir o paciente.

Demais, tudo depende do objeto. As vespas áticas investiam contra a filosofia de Sócrates, e as vespas gaulesas contra a monarquia de Julho. Ora, eu creio que não preciso provar que as vespas americanas não pretendem atacar cousa que se pareça com a monarquia de Julho ou com a filosofia de Sócrates.

Portanto, nem por si, nem pelos padecentes, as vespas americanas não podem fazer grande cousa. Darão a sua ferroada, de quando em quando, sem bulha nem matinada.



– Por que não falou ainda o Sr. Ferraz?

É a pergunta que me fazia ontem um membro do parlamento.

– Eu sei lá! respondi eu.

E pus-me a cogitar.

– Por que não falaria o ex-ministro da fazenda, quando deve estar empenhado em combater a situação atual, cujos sintomas começaram a aparecer durante o seu ministério?

S. Ex. tem a língua solta, não é peco, tem talento e sabe fazer oposição. Esta viagem a Paris, onde visitou o parlamento, deve dar-lhe vontade de subir amiudadas

vezes à tribuna, para mostrar que não só não desaprendeu, como aprendeu muita cousa nova.

Com efeito, é de supor que o ilustre conselheiro, tendo estudado a eloquência parlamentar francesa, reproduza o sestro de certo indivíduo que, tendo ido várias vezes às sessões do júri, não falava senão de um modo pausado e grave:

— Mas, — eu — creio, — que, — tiradas as — consequências, — seremos obrigados — a — concluir — forçosamente, etc., etc., etc.

A expectativa tem sido burlada, e o conselheiro não fala. Mal solta um apartezinho, de quando em quando, e... moita.

O que me parece é que o ilustre senador consultou algum mágico, e no meio daquele silêncio está observando tudo com disfarçada atenção.

S. Ex. usa agora uma luneta quadrada, que prende galhardamente ao olho direito. Esta luneta, não creio que seja uma simples luneta. Todos os que leram Hoffmann lembram-se daquela luneta que um certo Coppelius dá a um rapaz (não é epígrama, conselheiro!) e pela qual o referido rapaz vê cousas diabólicas e extraordinárias. Presumo que o conselheiro achasse no caminho algum Coppelius.

Será assim?

Dicant Parienses!



Não vou mais longe porque a folha não comporta.

Naturalmente queriam mais um pouco de política?

Pois não há mais.

Espero o resultado das cousas. Deixo o ministério, a câmara e o senado progredir na obra que lhes está incumbida, sem dizer o que penso a respeito dos boatos sobre a continuação do gabinete.

O que me consta é que o gabinete, em um momento de bom humor, fez uma ligeira paródia do *Gastibelza* de Victor Hugo:

Le vent qui vient du côté de la chambre,
M'a rendu... fort!

Gil [Machado de Assis].
[*Semana Ilustrada*, 5 jun. 1864, p. 1455.]
Editor: Ivo Korytowski